



Decio de Almeida Prado: dois textos

Apresentação de Francisco Costa

Desde já, Decio de Almeida Prado era uma figura obrigatória neste dossiê. Não apenas por sua ligação afetiva com a revista, ou por ser um torcedor apaixonado, mas pela sua capacidade de, ao longo dos anos, elaborar textos agudos sobre futebol, com a mesma habilidade com as palavras que usava para desenvolver sua crítica teatral. "Tempo (e Espaço) no Futebol", publicado na Revista USP 2, e "Recordações de Leônidas (da Silva)", editado pela antológica revista Senhor, de dezembro de 1961, foram os textos escalados para representar essa sua faceta crítica.

TEMPO (E ESPAÇO) NO FUTEBOL

Começarei, pedantemente, já que vou abordar um assunto frívolo, a não ser para uns tantos fanáticos entre os quais me incluo, por definir quantitativamente os meus dois termos. O espaço, em relação a um campo de futebol, significa um quadrilátero de 105 metros de comprimento por 68 de largura. Esse é o padrão ideal, o único aceito nos campeonatos mundiais. Mas as regras internacionais permitem significativas variações. Em casos-limites, jogando-se com os máximos e os mínimos admissíveis por lei, poder-se-ia ter, seja um quadrado de 90 por 90

metros, seja um retângulo de 120 por 45 metros. Ambos, na prática, seriam ridículos, não havendo provavelmente jamais sido concretizados, por uma questão menos de tamanho que de proporção. Se o campo expande-se e retrai-se com certa



DECIO DE ALMEIDA PRADO é professor aposentado da FFLCH-USP e autor, entre outros, de *Peças, Pessoas, Personagens* (Companhia das Letras).

Ao Flávio, em memória das horas de alegria e sofrimento compartilhadas em torno de um campo de futebol.

liberalidade, o gol mantém medidas rígidas e invariáveis: 7,32 metros de extensão por 2,44 de altura (transcrição métrica dos originais 28 por 8 pés ingleses).

O tempo divide-se em dois meio-tempos, de 45 minutos cada um. Mas como, ao contrário do que acontece no bola-ao-cesto, computa-se normalmente o tempo corrido, isto é, sem descontos das paralisações forçadas, tem-se em verdade uma redução considerável da duração real da partida. Algumas medições feitas indicam que não se joga habitualmente muito mais do que a metade desses teóricos 90 minutos, sobretudo se houver um número grande de faltas.

Que conclusão tirar desses dados iniciais? Surpreende à primeira vista - ou surpreenderia se já não estivéssemos tão acostumados - a disparidade existente entre a enorme extensão do campo, mais de sete mil metros quadrados em condições ideais, e a relativa exigüidade do gol. Parece muito campo para pouco gol, como se a intenção de quem regulamentou o jogo fosse dificultar ao máximo a obtenção de pontos (aqui também em oposição ao bola-ao-cesto). Essa suspeita intensifica-se, e na minha opinião confirma-se, quando se observa mais alguns fatos.

Todo esporte é um desafio que o homem lança não só aos outros homens, mas também a si mesmo. O desafio próprio do futebol, a sua marca distintiva, a sua singularidade, está em que nele se permite o uso de todas as partes do corpo, exceto as mais eficazes do ponto de vista físico. Aprender a jogar futebol é aprender a controlar a bola sem o auxílio das mãos, daquilo que, contrapondo o homem às demais espécies animais, constitui a sua força e a sua destreza. O futebol propõe, em suma, que se maneje a bola com os pés, poder-se-ia afirmar, se não se caísse desse modo em grave contradição léxica, se a palavra manejar já não contivesse etimologicamente a parte do corpo humano que se deseja excluir e condenar.

Ora, o futebol abre uma exceção a esse princípio fundador, a essa regra geral. Ao jogador incumbido de defender o gol, em derradeira instância, concede-se o privilégio, e unicamente a ele, de empregar braços e mãos, conferindo-lhe uma vantagem quase desleal. Entre vinte homens manietados (por assim dizer), só os dois goleiros têm as mãos livres para agir.

Como se isso não bastasse, os ingleses

acrescentaram ainda malignamente uma regra cuja única finalidade parece ser a de impedir que o gol aconteça. Quando a bola é endereçada ao atacante, é necessário que entre ele e a linha de fundo haja no mínimo dois adversários. É um pouco simplificada a lei do impedimento, a de mais incerta execução, a que mais dúvidas ocasiona. Para não haver possibilidade de erro, seria preciso que o juiz, ou o bandeirinha, tivesse a atenção concentrada ao mesmo tempo em dois lugares diversos, distante às vezes 30 ou 40 metros: onde está quem lança a bola, para estabelecer o instante exato de sua partida, e onde está quem a recebe.

Não são muitas as oportunidades de gol, portanto. Esquematzarei algumas, das mais freqüentes. Um chute feliz de longa distância (pode ser em cobrança de falta), unindo dois fatores que costumam variar na ordem inversa um do outro: força e pontaria. Uma troca rápida de passes que coloca o atacante frente a frente com o goleiro, sem que esteja impedido, por ter ultrapassado os adversários na corrida, nos pouquíssimos segundos que medeiam entre a saída da bola lá de trás e a sua chegada aos pés dele. Uma cabeçada particularmente forte ou endereçada com muita precisão, desferida, não raro, num bloco de jogadores que pulam juntos e se empurram no ar. Uma série de dois ou três dribles bem-sucedidos, que deixam o avançado sem ninguém pela frente, às vezes nem mesmo o goleiro.

Ou, então, com mais freqüência do que gostam de admitir técnicos e comentaristas especializados, tendentes a reduzir o futebol de jogo à ciência, um lance de sorte, uma desatenção da defesa, um chute que engana ao sair torto e enviesado, uma largada do goleiro, uma bola indefensável porque resvalou na perna de alguém, um bate e rebate defronte à meta, que termina com a bola na rede graças a um pontapé (*calcio*, pontapé, é o nome do futebol em italiano) mais oportuno ou menos desastrado.

De qualquer forma, a missão da defesa é comparativamente das mais simples. Basta, como último recurso, despachar a bola para onde for, para a frente, para os lados, pela linha de fundo (é o escanteio) e até para cima: como observou o lendário filósofo do futebol Neném Prancha, pelo menos enquanto a bola sobe e desce, não acontece gol algum.

O papel do ataque, em contrapartida, é

de uma dificuldade infernal. Com o goleiro cobrindo, com a capacidade de impulsão de que é capaz, quase todos os poucos mais de 17 metros quadrados confiados à sua guarda, não resta ao atacante, em condições normais, senão visar os cantos do gol, pelo alto ou junto ao chão. Quando não se miram esses pequenos espaços menos protegidos, aonde nem sempre chega a tempo a elasticidade do goleiro, o mais que se costuma obter é facultar-lhe uma cômoda defesa. Por esse motivo, não por uma estranha casualidade, tantas bolas passam rente ao travesão ou batem na trave.

Nos últimos anos, com o crescente domínio exercido pelos jogadores sobre a trajetória da bola, em função da variedade de efeitos que lhe é imprimida, vem-se explorando uma outra via, dependente pouco da força e muito da técnica. Se o goleiro avança alguns passos ao pressentir o chute, diminuindo lateralmente o ângulo que se oferece ao atacante, pode este, se tiver nos pés habilidade para tanto, vencê-lo por cobertura, ou seja, fazendo a bola passar por cima do seu alcance, caindo já dentro das redes, numa curva que exige absoluta precisão. E já aí não há escapatória: ou o goleiro permanece sobre a linha do gol e desguarnea os flancos ou se antecipa ao chute, abrindo pelo alto uma brecha. Das menores, aliás, porque se a bola sobe pouco, morre nas mãos do goleiro, se sobe muito, ultrapassa o gol. Realizar tal manobra em espaço e tempo reduzidos não é tarefa fácil - mas vai-se generalizando.

Agora já é possível descrever a espécie de emoção causada pelo futebol. A do bola-ao-cesto, o nosso termo de comparação, reside na quantidade de pontos, nas contagens espetaculares, de três dígitos, à altura das ávidas expectativas do público norte-americano. O futebol comporta-se, a esse respeito, com sobriedade britânica. O gol surge aos olhos do público como uma tal conquista que muitos narradores não hesitam em insinuar uma maldisfarçada similaridade com o orgasmo: "rompeu-se o véu da noiva" (obteve-se o primeiro ponto), "a gordinha já está na rede", e outras formas, mais imaginosas ou mais grosseiras, de sugerir sexo implícito. Dentro dessa perspectiva, conclui-se que dois ou três gols por partida já está bem, muito bem, sendo impensável transferir para o terreno amoroso as fabulosas contagens do bola-ao-cesto. A emoção, menos freqüente, é mais intensa.



O ARTILHEIRO FRIEDENREICH

Não é difícil, no entanto, criar situações em princípio perigosas para o gol. Isso acontece de cinco em cinco minutos, nas boas partidas, na medida, por exemplo, em que se pode centrar sobre a meta praticamente de todo o campo ou na medida em que, a partir de certa altura do ataque, qualquer chute mais afortunado pode surpreender o goleiro. A probabilidade é pequena, mas existe, e nunca se sabe se predominará a regra ou a exceção. Esse é o ritmo próprio do futebol: muitas ameaças, poucos gols. Nas arquibancadas, durante o transcorrer inteiro do jogo, se ele forequilibrado, deseja-se ou teme-se algo que, ao ocorrer, deixa parte do público arrasada, por fora e por dentro, e a outra parte eufórica - há poucos prazeres comparáveis ao de pulare gritar com a multidão, comemorando um gol que passa a ser de todos, por direito de contigüidade emocional.

Ouçã-se a irradiação de uma partida de futebol: a voz do narrador não se fixa, aumenta e diminui de volume a todo momento, variando de dramaticidade conforme as jogadas se fazem e se desfazem. Trata-se, é certo, de um truque destinado a prender a atenção do ouvinte, proporcionando-lhe uma dose de sensação que em geral ele não teria no campo. Mas corresponde de algum modo à realidade. Se escutamos de longe o ruído que sobe dos estádios cheios, não ouvimos outra curva sonora. Um *a* prolongado, que custa a morrer, esmorecendo aos poucos, indica sempre um gol. A celebração retarda-se porque aos gritos sucedem-se os comentários, feitos ainda numa atmosfera de alta voltagem. Mas, se este urro coletivo é raro, comuníssimos, ao contrário, são os *a* menores, que somem de repente, como surgiram. São gols sonhados e perdidos, oportunidades que estiveram ao alcance das mãos - ou dos pés - e escaparam.

Nesse sentido pode-se prever, com melancolia, que o futebol, ao aperfeiçoar-se, ao fortalecer a defesa, já de si tão forte, ao enquadrar todos os jogadores num sistema rígido de marcação, caminha no sentido do empate, como nos jogos de xadrez entre os grandes mestres, possivelmente de zero a zero. Não havendo erros, não há gols. As contagens extravagantes de outrora (a vitória do selecionado paulista de 13 a 1 sobre os baianos e de 16 a 0 sobre os catarinenses, em fins da década de 20) sumiram do horizonte porque o jogo nivelou-se, diminuindo sensi-

velmente a diferença entre os bons e os maus jogadores, no plano profissional. Ganhou-se em técnica, perdeu-se em espetáculo, o que parece uma contradição nesta fase em que o futebol procura firmar-se como divertimento na televisão.

E aqui entra a contribuição dos técnicos, ao menos dos brasileiros, que vejo atuar, encarando o jogo principalmente sob o ângulo de uma luta a favor ou contra o tempo, assinalado pelo relógio mágico do árbitro, o único que sabe quando terminará a partida. Acontece milagrosamente o gol, o gol único, o gol salvador. Partem imediatamente ordens de um dos bancos postados ao lado do campo para que os jogadores comecem a "administrar a vantagem". Vai-se assistir daí por diante a verdadeiros exercícios de câmara lenta. O goleiro deve bater um tiro de meta. Coloca a bola no lugar, retrocede quatro passos, prepara-se para chutar, reconsidera a questão, avança até a bola, ajeita-a com carinho, fazendo-a girar meia-volta sobre si própria ou pondo-a cinco centímetros para a frente ou para trás, recua de novo, torna a meditar, resolvendo por fim chamar o zagueiro para efetuar essa intrincada jogada para a qual, ele, simples goleiro, não se considera suficientemente preparado. Terminou um ritual, começa logo outro. A bola sai pela linha de lado. O encarregado de repô-la em jogo avança sem pressa até o local, deixa cair desastradamente das mãos a bola que lhe envia o "gandula", ao abaixar-se para recolhê-la tropeça sem querer nela, empurrando-a uns poucos metros mais à frente - e assim enquanto durar a paciência inesgotável do juiz. À medida que a partida chega ao fim, joga-se cada vez menos e consulta-se cada vez mais o cronômetro. Supõe-se que se esteja divertindo, mas, paradoxalmente, metade dos presentes torce para que a diversão termine. A ansiedade geral, de vencidos e vencedores, se a diferença de contagem não vai além de um ponto, aumenta ao se ingressar no período incerto dos descontos, que pode não existir ou durar vários minutos, a critério exclusivo do juiz.

A "administração da vantagem", ou seja, o escamoteamento do tempo, faz parte da "catimba", arte por excelência brasileira, e como tal devidamente apreciada pelos cronistas. Ao lado do "jogo de cintura", compõe o patrimônio mítico do futebol nacio-

nal, aquele que nos faz vencer pela manha ou pelo malabarismo os ingênuos e duros estrangeiros, de espinha dorsal inflexível, que não possuem a nossa maleabilidade de corpo e de caráter, também chamada afetuosamente de malandragem.

Tenho a impressão, ou ilusão, de não haver falado desde o início senão de espaço e de tempo. Como marcar um gol a não ser ganhando sobre o adversário meio metro de terreno ou uns poucos segundos de vantagem? Por outro lado, como dissociar uma coisa da outra, se ambas só se apresentam unidas?

A linguagem futebolística do momento, no entanto, destaca apenas uma. É que o espaço, de entidade física, transformou-se em metáfora, uma das grandes metáforas da era moderna (ou pós-moderna, ninguém sabe ao certo). Se publicitários e astros de televisão, políticos e manequins, entrevistadores e entrevistados, empresários e feministas, só pensam em abrir espaço (desde que Pierre Cardin abriu o seu), conquistar espaço, ocupar espaço, sinônimos ora de *status* social, ora de independência de espírito, por que não fariam o mesmo os habitantes desse universo menor que é o futebol?

Quando a equipe não foi bem no primeiro tempo, o técnico, antes de sumir pelo vestiário, sempre informa aos repórteres, sem revelar detalhes comprometedores, que procederá a algumas modificações no modo do time colocar-se em campo, ocupando-o por inteiro e preenchendo os vazios. Fica subentendido que o deslocamento de determinados jogadores mais para a direita ou mais para a esquerda, mais para o ataque ou mais para a defesa, o que se obtém com muita conversa, reforçada às vezes por botões dispostos sobre uma mesa ou demonstrações traçadas a giz no quadro negro, sanará todos os vícios do conjunto. Curiosamente, pouco se toca em velocidade - a relação espaço-tempo.

Ora, o que se vê no gramado não é bem isso, ou não é unicamente isso. Um ponta, suponha-se, enfrenta o seu marcador. O sucesso de um ou de outro depende de vários fatores, da habilidade no domínio da bola e na disputa do corpo-a-corpo, do apoio recebido dos companheiros, mas, igualmente, e não em último lugar, do uso puro e simples da velocidade. Um dos recursos tradicionais do ponta consiste em lançar a bola vinte ou trinta metros adiante, como que num

passe para si mesmo, e chegar lá antes dos outros - o que, antigamente, chamava-se dar uma escapada.

Como jogava Garrincha, por exemplo? Era-lhe indispensável, para o drible, parar a bola, já nas imediações da grande área, tendo naturalmente o adversário à sua frente. Ele ameaçava sair para um lado, para o outro, numa sábia e medida dança de negaças. Quando sentia o marcador ligeiramente desequilibrado, apoiado sobre a perna errada, partia com a bola como um raio, para cruzá-la da linha de fundo, com a defesa desorganizada, em pânico. De pouco valia saber que ele investiria quase certamente pela direita. A sua vantagem nesses lances era também de ordem física, a sua arma estava na prontidão da partida, no pique inicial, na capacidade de atingir o máximo da aceleração logo nas primeiras passadas.

Dizem os norte-americanos que o seu futebol comporta, em partes mais ou menos iguais, três espécies de jogadores: os de força, os de técnica e os de velocidade. No *soccer* - como eles denominam o nosso futebol -, a proporção não seria a mesma, a força não contaria tanto, mas o número de elementos básicos não sofreria alteração. Que era Pelé senão um milagre de equilíbrio entre força, técnica e velocidade? Em pleno arranque, os adversários não conseguiam segurá-lo nem através de faltas, nem tentando agarrá-lo com as mãos.

Não há um bom jogador sem noção do *timing*, aquele cálculo instantâneo de espaço e tempo que lhe permite, por exemplo, num escanteio, antecipar-se na cabeçada, não subindo mais que os outros, talvez, porém subindo em correlação perfeita com a trajetória descrita pela bola. Como não há goleador que não conheça a arte de chegar exatamente a tempo, nem adiantado, passando da linha da bola, nem atrasado, perdendo a oportunidade de dar o toque final. Alguns comentaristas não reconhecem grande valor neste tipo de jogada, atribuindo todo o mérito a quem a preparou, já que quem fez o gol só teve o trabalho de empurrar a bola para as redes. Esquecem eles que tal é, precisamente, a função e a especialidade do finalizador: estar no lugar certo, no tempo certo.

O oportunismo, baseando-se na previsão do que vai ou do que pode acontecer, é uma qualidade tão rara e tão preciosa quanto outra qualquer. E das mais instáveis. Às

vêzes um avante entra em estado de graça e durante dias ou meses adivinha tudo corretamente, fazendo gols em quantidade, sem esforço aparente. Passada a fase, volta à normalidade. São os artilheiros de uma ou duas temporadas.

Outros, em compensação, nunca perdem esse dom aparentemente divinatório. Lembro-me do último gol que vi Friedenreich marcar, já no Pacaembu. Tratava-se de um jogo de veteraníssimos. O ponta-direita, a certo momento, driblou o lateral e centrou. Lá estava, sozinho perante o goleiro, porém não impedido, o velho Fried. Ele matou a bola, escolheu o canto e colocou-a junto à trave à sua direita, com um chute rasteiro, dado maciamente com a face interna do pé. Tudo simples, como nos bons tempos.

Os jogadores de alta técnica atuam de preferência no meio-de-campo. Fazendo a ligação entre defesa e ataque, recebem a bola usualmente de costas, giram em um sentido ou em outro, livrando-se às vezes da marcação já nesse giro de corpo, ou nessa série de giros, até ficarem relativamente livres e poderem organizar o assédio ao gol inimigo. A visão de jogo, a capacidade de enxergar o campo em sua totalidade são os meus requisitos essenciais. Além de lidar bem com a bola, eles têm de pensar por toda a equipe. Mas contam para isso com espaço e tempo. Evoluem num vasto quadrilátero formado idealmente pelas duas laterais e pelas duas linhas médias, e, quanto ao tempo, não se sentem tão pressionados, não existindo naquela faixa tanto perigo de gol. Aí, nesse meio-de-campo tão exaltado pelos cronistas brasileiros, onde segundo eles se perde ou se ganha a partida, é que ocorrem os lances de maior efeito estilístico, os dribles elegantes, os "chapéus" (dribles na vertical, em essência), os passes sensacionais, de trinta ou quarenta metros, não faltando mesmo quem se compraza - e compraza o público - com o espetáculo do próprio virtuosismo.

À medida que o ataque se afunila em direção ao gol diminuem dramaticamente o espaço e o tempo. Não se pode exigir excesso de preciosismo dos zagueiros, e do centroavante que joga espremido entre eles, porque entrou-se agora na hora da verdade, do vai ou racha. Ou sai imediatamente o gol ou desaparece em definitivo a oportunidade. Ou o *a* prolongado da euforia ou o *ó* da decepção. A habilidade e o raciocínio con-

tinuam a existir, mas em ritmo fortemente acelerado. O que vale é o drible seco, curto, efetuado em meio metro de terreno, o emprego lícito ou disfarçadamente ilícito do corpo, a disputa dura e direta, o passe de primeira, o chute que vence o goleiro pela violência ou pela astúcia. Em qualquer desses casos, não se dispensa uma boa margem de improvisação e acrobacia.

Na minha heterodoxa opinião, é aí, dentro da grande área, que se decidem as partidas. O meio-de-campo pode armar a jogada, criar condições de gol. Em tal sentido, é estatisticamente importante: se surgem dez oportunidades, em lugar de duas ou três, é provável que alguma seja aproveitada. Esse é o lado porventura científico do futebol, relacionado ao cálculo das probabilidades. Vence na maioria dos casos quem chega mais vezes ao gol adversário e esse percurso passa necessariamente pelo meio-de-campo. Mas o lado do acaso, de jogo propriamente dito, correspondente na sabedoria popular ao axioma de que "o futebol não tem lógica", acionado sempre para explicar as derrotas, depende da eficiência na conclusão. E é neste ponto que se interpõem não apenas a sorte - há partidas exasperantes em que a bola teima em não entrar - mas, igualmente, em maior proporção, a maleabilidade corporal e a presença de espírito dos especialistas em dar o último toque. O povo compreende isso muito bem, consagrando os artilheiros. Friedenreich foi o emblema por excelência do futebol brasileiro na década de 20, como Leônidas, o homem-borracha, o inventor da "bicicleta", o foi nas décadas de 30 e 40. Depois veio Pelé, mas ele (como Zico, em ponto menor) já escapa a essas classificações, sendo tão eficiente na preparação quanto na finalização. Jogava supostamente no meio-de-campo, mas estava sempre presente na hora do gol.

Os técnicos dos times pequenos levam menos a sério a teoria do meio-de-campo que os comentaristas. Não hesitam em entregá-lo de mão beijada ao adversário, recuando sete ou oito jogadores, fora o goleiro, para as imediações da grande área, onde constituem barreiras humanas dificilmente ultrapassáveis. O objetivo é o empate sem gols, uma vitória para o mais fraco. De posse da bola, todavia, a defesa dá um chute, com a esperança de que os poucos avantes deixados lá na frente, geralmente dois, con-

sigam vencer pela velocidade os zagueiros. E às vezes dá certo. Um gol solitário, produto de uma única escapada bem-sucedida, soma mais que uma dezena de ocasiões favoráveis, conduzidas com tática impecável, porém mal-aproveitadas.

Outro expediente dos times pequenos, e não só deles, também associa-se à relação espaço-tempo. Essa técnica, que só merece tal nome na medida em que os treinadores a recomendam, beneficia-se das deficiências das leis do futebol, imaginadas dentro do espírito amador inglês do *fair play*. Consiste em matar (é o termo empregado, e bem empregado) a jogada de ataque no seu nascedouro, ainda no meio-de-campo, através de várias práticas proibidas pelas regras, mas exercidas com tanta frequência que no Brasil já não causam indignação em ninguém: pontapés desferidos por trás, agarrões pela cintura ou pelo pescoço, uso das mãos para interceptar passes ou do corpo para impedir a passagem do atacante, etc. O juiz apita, interrompe-se a partida, sem outra punição a mais das vezes que uma reprimenda oral. Quando finalmente se bate a falta, que não ameaça o gol por achar-se longe dele, recomeça o jogo no ponto em que foi paralisado, mas com uma diferença: todos os jogadores da defesa já ocuparam as suas posições, recuperando totalmente, em relação ao ataque, o espaço e o tempo que haviam perdido ou estavam na iminência de perder. A possibilidade aguda de gol transformou-se numa jogada corriqueira e inofensiva de meio-de-campo, com a falta beneficiando decisivamente o infrator. É como se numa batalha campal, das antigas, um dos comandantes pedisse “tempo” - a exemplo das crianças, em suas brincadeiras - para poder realinhar a tropa.

No futebol ganha-se tempo em geral com os corpos, com as pernas. Mas a cabeça não está excluída. São esses talvez os lances mais bonitos, porque os mais criativos e inesperados. Leônidas era mestre em pular a bola dentro da grande área, não tocar nela quando todos julgavam que o faria. Sócrates, se não inventou, propagou o passe de calcanhar. Fisicamente, nenhuma dessas jogadas requer habilidade especial. Ao contrário, estão ao alcance de qualquer um. O difícil é torná-las produtivas, é ter na memória, sem necessidade de olhar, as distribuições dos jogadores no gramado, de modo que a bola

encaminhe-se diretamente, sem intermediações desnecessárias, a quem possa melhor aproveitá-la.

Pelé comentou recentemente na televisão que os seus gols mais lembrados são os dois que não fez no campeonato mundial do México. E compreende-se a razão. No primeiro, ele pegou a bola na sua linha média. Ao levantar os olhos, deu com o goleiro da outra equipe bastante adiantado, para não distanciar-se em demasia dos zagueiros, como é norma atualmente. Com uma rapidez impressionante, de pensamento e de execução, tentou dali mesmo o gol, errando o alvo por muito pouco. Não foi, no meu entender, a perfeição do chute, afinal malogrado, que despertou o entusiasmo que ainda perdura, mas a celebridade do raciocínio, a prontidão com que ele reagiu de forma inesperada a uma conjuntura não-infrequente, experimentando uma jogada até então nunca aventurada por ninguém, ao que eu saiba.

No segundo gol perdido, igualmente histórico, Pelé ia receber um passe lateral em condições excepcionais, livre dos zagueiros, mas com o goleiro uruguaio correndo em sua direção, já a pequena distância, pronto a saltar a seus pés e agarrar a bola assim que ele a parasse. Foi exatamente o que Pelé não fez. Percebendo que ela vinha amortecida, deixou-a passar, apanhando-a cinco ou seis metros adiante, com o goleiro inteiramente fora de ação. Que ele tenha errado a seguir o arremate, também por muito pouco e atrapalhado por um zagueiro que viera cobrir o gol, não interessa tanto. O pasmoso, o que perdurou na memória, foi a solução encontrada para uma situação comuníssima, o cálculo instantâneo que realizou, somando três variáveis - ele, a bola, o goleiro - com a velocidade e a precisão de uma máquina eletrônica. Repetir em seguida a façanha já não é tão difícil.

Como Leônidas, Pelé era capaz de driblar valendo-se unicamente da inteligência (inteligência futebolística, bem entendido), ao deixar de fazer o que os outros, todos os outros, no campo e nas arquibancadas, esperavam dele. A maioria dos jogadores só consegue perder tempo quando pára a bola com o objetivo de pensar. Alguns poucos ganham sempre com essa interferência do pensamento, até mesmo quando para isso

não necessitam de interromper a jogada. Talvez seja para vê-los que tanta gente vai aos estádios. Por entre milhares de jogadas conhecidas, óbvias, há sempre a esperança de presenciar um desses lampejos de criatividade que recom-

pensam o público de sua longa espera.

É que nesses pequenos milagres de lucidez, de coordenação integral entre espírito e corpo, o futebol revela a sua mais alta natureza, também de *cosa mentale*, como Leonardo da Vinci desejava que fosse a pintura.



LEÔNIDAS DA SILVA,
O "DIAMANTE NEGRO"

RECORDAÇÃO DE LEÔNIDAS (DA SILVA)

O inventor da bicicleta voadora

Para as pessoas de minha idade, que já se vão inclinando perigosamente para as reminiscências mas sem estarem ainda de todo persuadidas de que as novas gerações esperam com ansiedade a publicação de suas memórias, o grande centroavante por excelência foi e será sempre Leônidas (o único Leônidas, desde as Termópilas, a dispensar qualquer sobrenome).

De menino guardo a lembrança algo esfumada de uma silhueta esguia a comandar o jogo no meio do campo e a enviar com elegância bolas rasteiras para o canto do gol: Friedenreich. Depois veio a era do Pacaembu - e com ela, em 1942, Leônidas da Silva, "o diamante negro", "o homem de borracha", com vinte e nove anos de idade e uma operação no menisco, novidade sensacional para a época (continuará jogando futebol?). A partida que lhe consolidou o prestígio em São Paulo foi espetacular, digna do mito. Puseram um homem, o melhor jogador de defesa do Palmeiras - perdão, do velho Palestra Itália - com a tarefa exclusiva de acompanhar-lhe os passos, como se cada lance seu constituísse perigo iminente de gol. Naquela tarde Og Moreira inventou um sistema de marcação efficientíssimo mas que durou apenas um dia: abriu os braços, pôs-se frente a frente com Leônidas e, tomando ao pé da letra as instruções do técnico, não o deixou literalmente passar (só no dia seguinte o juiz e os jornalistas descobriram que a idéia tinha o defeito de não ser permitida pelas regras). O São Paulo perdeu por dois a um mas Leônidas marcou e marcou de "bicicleta" (não havia outro jeito: se virasse para o gol lá estaria Og com os braços plantados em cruz diante dele). Leônidas fizera, em suma, o milagre esperado pela multidão de fiéis: impusera à partida a sua marca de fábrica, o selo da jogada prodigiosa, jamais vista, nascida da fertilidade do seu cérebro e da elasticidade de suas pernas. Estava justificado o delírio popular da sua chegada a São Paulo, meses antes, quando o Capitão Porfírio da Paz, hoje general, fora severamente advertido pelos

seus superiores hierárquicos por carregar Leônidas sobre os ombros juntamente com a multidão em fúria, deixando que o pé milagroso maculasse os seus galões de oficial farmacêutico do Exército nacional.

Não digo que Leônidas fosse completo. Era apenas medíocre quanto à violência do chute: de longe só marcava quando pegava o goleiro desprevinido, coisa que ele tinha o poder de pressentir com muito maior frequência do que qualquer outro jogador. Não possuía, igualmente, o dom supremo de Friedenreich: o drible para a frente, quase sem parar a bola.

Tudo o mais que um centroavante possa desejar ele o possuía em um grau superlativo. No Rio de Janeiro parece que a sua fama era a de jogador que tira proveito do esforço dos outros. Em São Paulo, dava-se o contrário: à medida que envelhecia, mais Leônidas lutava, correndo, suando honestamente a camisa, incitando os companheiros, indo apanhar com presteza a bola fora para lançá-la ao avante melhor colocado ou mais próximo da meta. Leônidas transpirava agressividade, inclusive essa agressividade que desafia e enerva os adversários, que entra em choque direto com os beques (Sordi, do Juventus, teve o seu breve instante de celebridade graças unicamente às turras com Leônidas), que vai acossar o goleiro mesmo quando este já está com a bola firmemente presa entre os braços. Acontece que às vezes a pegada parece firme e não é: a bola escorrega não se sabe de que modo por debaixo dos braços do infeliz e cai devagarinho pelo outro lado. Leônidas - como Pelé - estava sempre lá: era só empurrar a bola para as redes. Ninguém fazia tanto gol feito como ele - e não há artilheiro sem esta arte misteriosa de apanhar as sobras, de estar no lugar exato no momento exato. Os outros jogadores esperavam que o adversário falhasse para avançar sobre ele: Leônidas partia sempre da hipótese de que o adversário ia falhar. Fazia mais: provocava a falha do adversário.

A bola vinha em sua direção. Os jogadores da defesa se colocavam e se preparavam tendo em vista o que ele poderia fazer. Leônidas não fazia nada: abria as pernas, deixava a bola passar e criava uma situação de pânico dentro da área. Sei que não há dificuldade neste simples ato de pular a bola: qualquer jogador é capaz de fazê-lo. A dificuldade é saber quem está atrás, para quem irá a bola. Leônidas quase sempre o sabia. É isto que os cronistas de maior vezo filosófico - como há oradores incandescentes também há graves filósofos entre os cronistas de futebol - chamam de intuição: a percepção instantânea da jogada em sua totalidade, o conhecimento perfeito de onde estão os outros e do que irão provavelmente fazer.

Leônidas era a própria encarnação da habilidade e habilidade, no espírito do brasileiro, sempre aparece de algum modo ligada à ideia de individualismo. Explica-se desse modo, creio eu, a imagem popular - a que Mário Filho deu acolhida, com grande imaginação, no seu livro *O Negro no Futebol Brasileiro* - de um Leônidas malabarista até à excentricidade, plantando bananeiras no campo, divertindo-se com a bola como se fosse um brinquedo. Não sei se o Leônidas carioca era assim: pouco posso testemunhar sobre Leônidas juvenil ou mesmo sobre o artilheiro do Campeonato do Mundo de 1938, que maravilhou os europeus, deixando uma impressão que perdura intacta até hoje. O que garanto é que o Leônidas amadurecido que conheci em São Paulo, domingo após domingo, durante tantos anos, punha todo o seu virtuosismo a serviço do quadro - e se não o pusesse, não seria um grande jogador. Nos momentos de relativa folga, fazia sem dúvida as suas visagens, os seus passes de mágica sobre a bola, talvez para animar a torcida, talvez para impressionar o adversário, talvez por um resto de molecagem, pelo prazer lúdico de viver. Mas que ninguém se enganasse com tais fantasias, aliás de pouco efeito prático. Se fosse *boxeur*, o seu estilo não seria o do esgrimista elegante - como o de um Waldemar de Brito - mas o do *killer*, o do homem que se arroja sobre o inimigo para liquidá-lo da maneira mais breve possível.

Leônidas era, por exemplo, um mestre do passe de primeira. Recebendo a bola frequentemente de costas, por força de sua posição avançada, não necessitava nem

mesmo da clássica voltinha sobre si mesmo - há centroavantes que parecem consumir séculos nessa operação - para lançar os companheiros. Um levíssimo toque de cabeça ou de pé, aproveitando ao máximo a ação do efeito, fazia a bola girar numa curva para a direita ou para a esquerda, chegando já amortecida aos pés dos extremas.

Vez ou outra, Leônidas parava nas imediações da grande área e provocava os antagonistas, que não demonstravam pressa alguma em enfrentá-lo: se ele não tinha a volúpia do drible de um Tim também não era nada fácil tirar-lhe a bola dos pés. Quando o público já começava a se impacientar, partia o passe, inesperado e preciso, desafiando vários bicos de chuteira, área adentro, até chegar ao seu destinatário.

Mas a sua especialidade, naturalmente, era a finalização - e nem para outra coisa foram inventados os centroavantes. Os médios, os meias e mesmo os extremas têm à sua frente largas faixas de terreno por onde progredir. A partir de certa altura, todavia, o jogo tende a se fechar em funil, convergindo obrigatoriamente sobre o gol. É lá, junto à pequena área, nesses alguns metros quadrados em que se decidem as partidas, com os beques colados às costas, que está o centroavante. Para a defesa, basta destruir, lançar a bola para qualquer lado, inclusive contra a linha de fundo. Os atacantes, ao contrário, têm de executar duas ou três manobras de extrema delicadeza: parar, dominar, ajeitar a bola e desferir o chute, colocando-a dentro de um exíguo retângulo, guardado pelo jogador de maior agilidade, golpe de vista e senso de colocação do quadro adversário. Se o chute não tiver ao mesmo tempo força e direção, de nada adiantará, nem que a meta esteja aparentemente desguarnecida: surgirá no último segundo, vindo não se sabe de onde, um pé providencial para desviar a bola sobre a linha do gol. É uma questão de tempo, não de espaço: faltam só alguns metros a vencer, porém qualquer hesitação, qualquer demora por parte do atacante, revelar-se-á fatal. Ora, a finalização, por si só, já é a jogada mais difícil, mais sujeita a falhas, porque a força tira necessariamente a precisão do chute e vice-versa. Passar, todos passam muitíssimo bem: quando um passe desvia-se alguns metros do alvo constitui verdadeiro escândalo. Com o chute a história é outra. Tudo pode acon-

tecer ao pobre mortal: chuta-se ar, chuta-se grama, a bola espirra, sobe às nuvens, ultrapassa o alambrado, sai pelas laterais. Chutar a gol equivale ao instante de matar o touro: é a hora da verdade. Pois essa é, por excelência, a função do centroavante. Alguns fazem relativa carreira unicamente porque sobem alto e cabeceiam com perfeição: um Baltazar. Outros só possuem praticamente uma jogada, repetida ao infinito. Era o caso da “virada” de Teleco: noventa por cento da sua eficiência como artilheiro devia-se à capacidade de receber a bola das laterais e enviá-la ao gol num único giro de corpo.

Dá a celebridade e exiguidade dos bons centroavantes: não há, via de regra, mais do que um realmente excepcional em cada geração. Daí, igualmente, a súbita timidez da maioria dos jogadores diante da meta. O quadro inteiro se esfalfa para colocar a bola dentro da área. Quando ela lá se encontra, entretanto, todos parecem tomados da mania do escrúpulo: cada qual só pensa em servir delicadamente o companheiro melhor colocado. É passe para lá, passe para cá, numa encantadora troca de amabilidades, até que alguém tem a feliz lembrança de recuar a bola para o médio de apoio que não hesita (afinal ele não é atacante) em atirá-la com extrema violência por sobre o travessão - e todos respiram aliviados, livres da responsabilidade.

Leônidas aceitava com o maior desassombro as suas responsabilidades de finalizador. Chutava sempre, sem parar e alisar a bola, de qualquer lugar, de qualquer modo, com o pé direito e com o pé esquerdo (sem contar a cabeça), como podia e como não podia - e quem, senão ele, seria capaz de inventar a “bicicleta”, teria essa idéia exótica de chutar mesmo de costas, caindo para trás, combinando num só lance o *belfort* e a puxada?

Aí é que se patenteava efetivamente o seu malabarismo: malícia do pensamento ao arquitetar numa fração de segundo a jogada que surpreendesse e desorientasse o adversário; malícia do corpo para descrever no ar o prodígio de coordenação muscular, de equilíbrio em movimento, que lhe permitia golpear a bola do ângulo e do jeito que ele desejava. Se tudo isso parece complicado e teórico, os leitores poderão preferir a fórmula de Batatais, que tantas vezes presenciou tais lampejos de improvisação à porta do seu gol. Disse ele comparando Leônidas a Ademir: “Acho Ademir formidável. Mas Leônidas foi

o mais sensacional de todos que já vi. A gente não sabia nunca o que ele ia fazer com a bola”.

Lembro-me confusamente da primeira partida de Leônidas a que assisti. Sei apenas que estávamos em trinta e poucos, no Parque Antártica, numa disputa entre paulistas e cariocas. Nós, de São Paulo, era a ele principalmente que temíamos: um pretinho que se revelara sensacionalmente em 1931 contra os uruguaiois em Montevideu, um meia-esquerda (a vocação de centroavante é quase sempre tardia) que era um verdadeiro azougue dentro da área. Nesse dia São Paulo ganhou sem dificuldades e Leônidas nada fez (os jogadores que não erram, que não têm partidas medíocres ou infelizes, só existem na memória sentimental dos torcedores). Lembro-me também, com a maior nitidez, de sua última exibição. Leônidas passara alguns meses sem jogar, cogitando em ser técnico, e voltava numa partida noturna, se não me engano contra o S.P.R. (Nacional, hoje em dia). Ele, que jamais tivera propriamente um físico de atleta - quase baixo, tórax desenvolvido, cadeiras largas, pernas surpreendentemente finas - ia perdendo a batalha não tanto contra a idade como contra a gordura, de pouco adiantando os treinos realizados em pleno verão com grossas camisetas de lã. Leônidas ainda fez nesse jogo, que nem ele nem nós sabíamos ser o derradeiro, três ou quatro passes maravilhosos, desses que satisfazem mais e dão mais prazer estético do que meia dúzia de gols achados por acaso. Porém os rapazes de vinte anos evidentemente já não o temiam: avançavam sobre ele, sem medo do drible desmoralizador, e chegavam até, ante o espanto silencioso da assistência, a tirar-lhe a bola. Recordo-me em especial de um tranco que ele levou junto às laterais, bem sob as vistas das numeradas do Pacaembu. Leônidas caiu duro, seco, pesado, erguendo-se vagarosamente com uma ponta de surpresa no olhar. Ninguém mais podia ter dúvidas. Era o tombo de um senhor, não a queda elástica e acrobática de um profissional de futebol.

O campeonato era o de 1950. Leônidas tinha 37 anos, vinte dos quais vividos como jogador de primeira divisão. Ademir, após Heleno, reinava há já algum tempo como o centroavante incontestado do selecionado brasileiro. E Pelé era apenas um menino que brincava de futebol nas ruas de Bauru.